
LITERATURA E AUTORITARISMO – NARRATIVAS DO RASTRO

A revista eletrônica *Literatura e Autoritarismo*, em seu número 26, disponibiliza artigos que problematizam as simbologias do rastro em narrativas literárias. Trata-se de vestígios, sobras, fragmentos, sobrevivências que evidenciam um passado histórico de exclusão social, repressão política, guerra e traumas. Grande parte dos textos que compõem esta edição volta-se a essa temática, analisando a configuração e o sentido, por exemplo, dos rastros e das ruínas na obra de W. G. Sebald, ou dos restos e do lixo na obra de Carolina Maria de Jesus. Assim, levando em conta as estruturas excludentes e repressoras que vêm se perpetuando ao longo da História em diferentes sociedades e que parecem ter se intensificado desde o século XX, procura-se verificar como esse contexto repercute nas narrativas estudadas. As catástrofes sucessivas, com suas ruínas e traumas, evocam a imagem do quadro de Paul Klee, *Angelus Novus*, mencionado por Walter Benjamin em “Sobre o conceito de história”. Benjamin vê no quadro a representação de um anjo aterrorizado com o passado e imagina que o anjo da história deve ter esse aspecto: “Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés.”¹ Caberia ao historiador materialista a tarefa de “articular historicamente o passado”.² No entanto, muitos escritores assumem função semelhante ao configurar em suas narrativas os fragmentos, rastros e vestígios do “amontoado de ruínas” que o passado nos legou.

No artigo que abre esta edição, **“A DANÇA DA DESTRUIÇÃO”:**
MELANCOLIA E FANTASMAGORIA EM OS ANÉIS DE SATURNO, Carla

¹ BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da história”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-232, aqui p. 226.

² Idem, p. 224.

Lavorati detecta, na obra de W. G. Sebald, um narrador que “assume uma postura desesperançosa ao recuperar, do presente, vestígios da destruição ocorrida no passado”. Refletindo sobre a melancolia latente na obra e baseando sua reflexão no período histórico do nacional-socialismo que culminou com a Segunda Guerra Mundial, Lavorati busca aporte teórico em Agamben e afirma que “os processos estéticos de W. G. Sebald podem ser relacionados com a tentativa de apreender o inapreensível, da busca pelo entendimento dos absurdos e irracionalismo da guerra, pelo fim inelutável de todas as coisas.”

Também refletindo sobre melancolia e memorialismo em W. G. Sebald, **Chimica Francisco** analisa a última obra do escritor alemão no artigo intitulado **A MELANCOLIA E O MEMORIALISMO FICCIONALIZADO EM AUSTERLITZ, DE W. G. SEBALD**. No romance, o articulista percebe uma espécie de “diálogo que tende mais para um monólogo entre o protagonista da obra [...] e o narrador que se encontram pela primeira vez na estação de comboios de Antuérpia e, subsequentemente em outras estações e sempre por acaso”. Francisco analisa, sobretudo, o “memorialismo patente nesse romance que parece mesclar a realidade com a ficção numa abordagem criativa e talvez mesmo inovadora no modo como o seu discurso é construído”.

A literatura produzida no contexto cultural europeu é abordada ainda por **Renato Pardal Capistrano**, que disserta sobre a “brutalização moral” no artigo intitulado **O CÃO INTERIOR: VITÓRIA DA VERGONHA E SUBMISSÃO À ORDEM OCULTA EM O PROCESSO, DE FRANZ KAFKA**. Partindo de uma abordagem interdisciplinar da literatura, o autor pretende “delinear os expedientes narrativos pelos quais Kafka desenvolve em sua estética formas de revolta, resignação e derrota”. Dedicando atenção especial à figura do cão na obra, Capistrano chega à conclusão de que “Para além de condicionamentos da natureza ou do meio, o livro de Kafka traz à tona a condição do homem como autor de si mesmo.”

Sabrina Siqueira, no artigo intitulado **ALÉM DAS BOLEADEIRAS E DO CRUCIFIXO – UM COTEJO ENTRE CONTOS GAUCHESCOS E DUBLINENSES**, toma como base a literatura comparada para aproximar as

duas obras que, além de se constituírem como compilações de contos, “abordam a questão da violência, mostram aversão ao estrangeiro e remetem à importância da religiosidade nas localidades em que transcorrem as narrativas”. Reiterando o vínculo entre literatura, cultura e história, Siqueira leva em conta “as diferenças socioculturais e estilísticas peculiares a cada autor” em sua análise, para evidenciar que “A violência caracteriza o espaço tanto das personagens simonianas como das joyceanas, e é um aspecto interligado à vida em comunidade ou a eventos históricos traumáticos que assumem uma dimensão fora do controle individual.”

Em **RIO-BALDO X RIO-BARDO: AS VEREDAS DO NARRADOR**, **Valéria Castro Fabricius** analisa a função do narrador da obra *Grande sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, “enfocando dois aspectos principais: a ação narrativa como organizadora, afirmadora e reprodutora do universo regional coletivo, ao mesmo tempo, como reveladora e identificadora da individualidade do próprio narrador.” Servem-lhe como base teórica o ensaio de Walter Benjamin sobre o narrador na obra de Nicolai Leskov e o texto de Hannah Arendt intitulado “Ação”. Para Fabricius, “A narração empreendida por Riobaldo possui duplo caráter: o resgate e fixação de tipos, de um contexto e de um tempo, o estar no mundo. Simultaneamente, é um discurso de imersão na vivência individual, das emoções, o experienciar o mundo.”

UM RESGATE DA MEMÓRIA JUDAICA EM O CENTAURO NO JARDIM DE MOACYR SCLIAR é o título do artigo de **Gisele Jacques Holzschuh** e **Rosani Ketzer Umbach** que analisa questões da memória na obra do escritor gaúcho utilizando como suporte teórico estudos de Bella Josef, Jacques Le Goff, Michael Pollak, Moysés Eizirik e Regina Zilberman, entre outros. As articulistas consideram que “A questão da imigração nas obras ficcionais oportuniza, através do resgate da memória, que grupos sejam resguardados do esquecimento.” Além disso, concluem que “com essa narrativa, através da memória, o escritor dá voz àqueles que não encontraram espaço nos escritos da história tradicional”.

Também enfocando a cultura brasileira, **Rosana Cristina Zanelatto Santos** e **Thais Ferreira Pompêo de Camargo** abordam as relações entre

literatura e cinema em seu texto **A FICÇÃO DE MARÇAL AQUINO: UMA REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**. Tomando como exemplo a obra *O Invasor* pelo viés da crítica social, Santos e Camargo procuram refletir sobre a sociedade brasileira contemporânea e constatarem que há quase 20 anos “Aquino já direcionava sua pena para uma direção obscura da realidade brasileira, desvelando uma forma de violência pouco falada nos (tele)jornais, aquela que vem de cima para baixo, em um Brasil com histórico secular de indigência”.

O artigo de **Luciano Melo de Paula**, intitulado **AVANTE, SOLDADOS: PARA TRÁS, METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI**, realiza uma leitura do romance do catarinense Deonísio da Silva, destacando “alguns aspectos da construção formal da narrativa: apresentação, escolha temática, criação das personagens, a posição do narrador, o diálogo e a polêmica intertextual com *A Retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay, e outras fontes históricas e/ou literárias”. Seguindo as reflexões de Linda Huchteon sobre metaficção historiográfica, De Paula afirma que “*Avante, soldados: para trás* é uma narrativa que consolida sua posição por suas intrínsecas qualidades estéticas e por suas contribuições para a compreensão das relações entre ficção literária e historiografia em nosso sistema cultural.”

Fechando este número da Revista, **Janaína da Silva Sá** e **Vera Lúcia Lenz Vianna** refletem sobre “o lugar que o elemento negro alcança” na sociedade brasileira. Em seu artigo **ESPAÇO, DESLOCAMENTO E ACOMODAÇÕES CULTURAIS EM DIÁRIO DE BITITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**, utilizam os pressupostos teóricos de Roberto DaMatta e Carlos Guilherme Mota. Sá e Vianna consideram que “Em *Diário de Bitita*, obra publicada postumamente em 1986, Carolina Maria de Jesus expõe, através de um discurso em tom memorialístico, um passado que pode ser lido como um importante material historiográfico no que se refere à formação cultural brasileira.”

Esperamos que os artigos desta edição tragam reflexões aos leitores sobre as narrativas do rastro, sobre as marcas do passado, seus restos, ruínas, vestígios, e contribuam com o debate em torno dos estudos literários e

culturais. Aos autores que disponibilizaram seus textos, agradecemos pela generosa contribuição.

Rosani Úrsula Ketzer Umbach